

# Uma psicanalista pelo mundo

Marion Minerbo<sup>1</sup>

---

Quando as editoras da **TRIEB** me convidaram para escrever sobre o/a psicanalista, agradei e respondi que, infelizmente, não poderia aceitar por excesso de compromissos, o que é verdade. Mas a carta-convite era tentadora: explicitava o desejo de conhecer o Psicanalista nos dias de hoje: como pensa, como trabalha, com quem dialoga, o que lhe é fundamental, como se posiciona frente a um mundo em tão acelerada transformação. O convite veio com a sugestão de que eu escrevesse sobre “uma psicanalista pelo mundo”. Deixaram o formato – artigo, ensaio, depoimento, testemunho – a meu critério.

Mas falar o quê sobre minhas andanças pelo mundo? Para me encorajar, fizeram uma sugestão que não levei a sério: que escrevesse se sobrasse um tempo em algum aeroporto. Pois bem: estou no aeroporto de Berlin indo para Londres. Chego sempre com muita antecedência, de modo que sobrou um tempo e é daqui que escrevo. Será que fui no embalo da palavra **TRIEB**, depois de meses escutando alemão? Enfim, optei pelo formato “depoimento”, esperando que minha experiência seja de algum interesse para você, leitor/a.

Devido a uma série de contingências, acabei inventando um estilo de vida que por enquanto me convém muito. Desde o final de 2019, passo três meses por ano em cada país, de modo a poder compartilhar o cotidiano de filhos e netos espalhados pelo mundo. E também consigo estar em São Paulo, perto das pessoas queridas e de tudo que me é tão familiar, a começar pela língua materna.

Evidentemente, isso só é possível graças ao trabalho on-line. E também porque mudei minha agenda de trabalho. Eu me organizei para ter liberdade de movimento: atualmente, 90% dos horários são ocupados com supervisões e

---

1. Psicanalista, Membro Efetivo e didata pela SBPSP, doutora pela UNIFESP, autora de diversos artigos e livros, dentre os quais *Neurose e não Neurose*, *Transferência e contratransferência*, *A posteriori, um percurso*, todos pela Editora Blucher. Prêmio Durval Marcondes no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise.

ateliês. E isso porque, em casos de psicopatologia pesada, tenho restrições com relação a análises exclusivamente on-line. Os “corpos em presença” são uma condição inescapável de analisabilidade porque os traços mnésicos do trauma precoce se inscrevem na extremidade mais corporal do gradiente somatopsíquico. Em função dessa limitação clínica, optei por privilegiar atividades ligadas à transmissão da psicanálise.

Isso não é um problema, porque neste momento da minha vida – pode ser que mude daqui a algum tempo – sinto-me suficientemente produtiva nessa área. Gosto de dar supervisões e gosto muito de uma atividade que já realizava, mas que “pegou” durante a pandemia: o ateliê clínico. A cada vez que algum grupo me convidava para dar uma aula ou uma palestra, eu fazia a contraproposta do ateliê. São 4 encontros de uma hora e meia em torno de um mesmo caso clínico. O foco é o processo de escuta e de construção de um pensamento clínico que ajude o analista em suas intervenções.

De modo que, graças a essa improvável combinação de pandemia e vida nômade, os ateliês se multiplicaram. Essa atividade foi muito bem acolhida por vários grupos psis pelo Brasil. Modéstia à parte, considero que seja minha contribuição mais relevante do ponto de vista da transmissão da psicanálise. Cada ateliê é único. Tenho um enorme prazer em enfrentar, a cada vez, um novo desafio teórico-clínico, especialmente quando a construção do caso faz sentido e abre a escuta do/a colega que está apresentando.

Diferentemente de uma aula ou palestra, que traz um conhecimento mais intelectual, o ateliê é uma experiência intelectual e emocional. Ela é transformadora para todos, inclusive para mim, pois permite a integração teórico-clínica de maneira viva e encarnada. Integração entre teoria e clínica, mas também integração no sentido psicanalítico: aquela experiência passa a fazer parte de nós, do nosso acervo psicanalítico.

Não é que não goste de dar aulas e palestras, mas preciso trabalhar muitas e muitas horas para prepará-las. Dá realmente muito trabalho porque preciso escrever um novo texto a cada vez, mesmo se for um assunto sobre o qual já escrevi. Já fiz as contas: são 12 páginas para uma hora de palestra. Não sei improvisar, não gosto de me repetir e tampouco consigo “requentar” algo já apresentado. A palestra precisa estar libidinalmente muito investida para que eu tenha prazer em falar, e as pessoas, prazer em escutar. De modo que tenho evitado assumir esse tipo de compromisso.

Nesse momento, minha liberdade é preciosa. Para garantir tempo livre, decidi também trabalhar apenas meio período. Queria viver a vida no estilo

européu, curtir o local em que estou morando e compartilhar o cotidiano dos filhos e netos. Passear por Berlim com a família, todos de bicicleta, num lindo sábado de verão, simplesmente não tem preço. Fazer uma caminhada de domingo com a outra parte da família pelo interior da Inglaterra, parar para almoçar num *pub* – com a pequena Luna no *sling* – não tem preço. Hoje me pergunto como conseguia trabalhar 10 horas por dia, com reuniões de noite e escrevendo nos fins de semana.

Daqui a poucos dias completo 65 anos. É agora ou nunca. Ter conseguido um equilíbrio entre vida pessoal e profissional me dá muito prazer. Trabalho menos, ganho menos. Mas aqui a vida é mais simples do que em São Paulo. Aqui todo mundo é classe média. Nada de restaurantes caros, não compro roupas, livros ou objetos, até porque não tenho onde carregar: passo o ano todo com uma única mala. A verdade é que tudo que preciso cabe no meu notebook: livros e textos, vídeos de Youtube, podcasts e filmes. Inclusive o Observatório Psicanalítico e o Mirante.

Levo comigo meus instrumentos de trabalho: minha mente, meu acervo psicanalítico, minha escuta. Como uma tartaruga, levo minha casa nas costas. Tudo que li, estudei, metabolizei nesses 40 anos de vida profissional, agora é parte da minha carne e vai comigo para todos os lugares. Os textos e livros que escrevi, meu estilo, minha maneira de pensar, tudo isso sou eu. Levo também minha rede histórico-afetiva, os contatos e o nome que construí nesses 40 anos de trabalho dedicado e apaixonado. Fico muito grata por contar com o reconhecimento e o carinho dos/as colegas, pois sem isso não me teria sido possível inventar esse modo de vida.

Tem sido muito importante continuar participando da vida institucional na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que também é minha casa há 40 anos. Continuei conduzindo seminários e participando da comissão de qualificação de analistas didatas. Os colegas colaboraram fazendo as reuniões num horário que me fosse possível em virtude da diferença de fuso. Agora que as coisas estão voltando ao presencial, vou sentir falta dos encontros “de verdade”, daquelas conversas não planejadas e gostosas que acontecem quando esbarramos em alguém que não víamos há tempos.

Eu pensava que, ao sair pelo mundo, não escreveria mais. Produzir algo que eu considere suficientemente relevante me demanda grande esforço e um ambiente propício. Mas, para minha surpresa, fui capturada por um tema e estou finalizando um livro. Quando vi que a coisa era séria, tirei três semanas de férias para poder escrever o dia inteiro. Como é um tema sobre o qual os

psicanalistas escreveram pouco, trabalhei a partir do meu repertório e de alguns textos conseguidos on-line. Por enquanto, o título é “Notas sobre a aptidão psíquica à felicidade”.

Estava em Berlin, no verão, enquanto escrevia. E me lembrei de um artigo do Ogden sobre escrita psicanalítica. Ele se perguntava se, numa linda e radiosa manhã de domingo, preferia sair para aproveitar o dia, ou ficar em casa para escrever. Ele prefere escrever. Entendo-o perfeitamente. Não tenho vontade de perder um fim de semana preparando palestra, mas para mim escrever está em outra categoria: longe de ser uma obrigação, é uma necessidade e um prazer.

Ser uma psicanalista pelo mundo exige certa capacidade de adaptação. Assim que chego num lugar novo, passo a investir naquele espaço como “minha casa” e crio uma rotina. Graças ao fuso, tenho a manhã para mim e começo a trabalhar depois do almoço. No verão, depois do trabalho ainda sobra tempo para aproveitar os dias longos fora de casa. Passei três meses também na Costa Rica. Como lá o fuso é ao contrário, acordava às 5:00h e começava a trabalhar às 6:00h.

Ser uma psicanalista pelo mundo exige desapego. Como disse, vivo com uma mala. E com muito menos conforto do que no Brasil. E isso me alegra, porque o conforto das elites brasileiras se dá às custas de uma vergonhosa desigualdade social. Mas tenho grande apego ao essencial: liberdade, um trabalho significativo e relações significativas. Nada além disso importa realmente. Ah, sim: uma boa internet! É minha primeira preocupação quando estou num lugar novo.

A verdade é que só é possível ser uma psicanalista pelo mundo porque estou ao mesmo tempo em outros países e no Brasil. Quem diria: agora temos o dom da ubiquidade! Acordo em Berlin e ouço os podcasts com as notícias frescas do Brasil. Como todos, estou apreensiva com o futuro do país. Leio o jornal e converso com pessoas em português o dia inteiro, como se estivesse aí. Mas depois vou ao supermercado e compro *schnitzel*, *schpetzel* e *pretzel*. Durante os domingos gelados escuros do inverno europeu montei uma “agenda de papo com amigos”. Encontrei-me mais com as pessoas do que quando estava no Brasil. Como estávamos todos trancados em casa, era um ótimo programa.

Chamaram meu voo. Preciso ir. Agradeço demais às colegas editoras da **TRIEB** que me deram a ideia de escrever no aeroporto, bem como a liberdade de escolher o formato do texto. Mais uma vez, descobri que coisas que parecem

impossíveis, ou absurdas, não são nem impossíveis, nem absurdas. Por exemplo, escrever um texto no aeroporto. Por exemplo, ser uma nômade digital nessa altura da minha vida, quando o mais comum é a continuidade, e não uma revolução. Tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Recebido: 12/09/2022

Aceito: 09/11/2022

---

**Marion Minerbo**

marionminerbo@gmail.com